

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A COMUNICAÇÃO E OS PROCESSOS DE TRABALHO EM
COMUNIDADES RURAIS DE CAAPIRANGA-AM

Bolsista: Raíssa Gomes Assenço, CNPq

MANAUS

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-A/0080/2011
A COMUNICAÇÃO E OS PROCESSOS DE TRABALHO EM
COMUNIDADES RURAIS DE CAAPIRANGA-AM

Bolsista: Raíssa Gomes Assenço, CNPq

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Therezinha de J.P. Fraxe

MANAUS

2012

RESUMO

O presente trabalho intitulado “A Comunicação e os Processos de Trabalho em Comunidades Rurais de Caapiranga-AM” buscou vislumbrar a interferência dos processos de comunicação nos processos de trabalho rurais presentes no município de Caapiranga. Esta pesquisa teve como objetivo geral a apreensão de como os emissores dos processos de comunicação (igrejas, tecnologia de comunicação, instituições do estado, etc.), ao discursarem discursos repletos de significações invisíveis, interferem na visão e falas dos moradores das comunidades rurais de Caapiranga-AM a respeito de seus processos de trabalho agrícola.

O método para a realização do projeto foi o de análise sociológica, para que assim fosse possível interpelar os campos da ecologia, sociologia e linguística. Deste modo, a proposição de perceber em que medida os discurso dos comunitários a respeito do processo de trabalho da agricultura estão sendo “programados” pelos discursos dos comunicadores da rede social, poderia ser evidenciado.

O resultado deste trabalho, foi a constatação de que os agricultores entrevistados nas comunidades rurais de Caapiranga, em grande maioria, compreendem seu trabalho como uma “não trabalho” e em contrapartida concebem os trabalhos realizados no âmbito urbano como trabalho. A grande maioria dos agricultores entrevistados revelaram que gostariam de trabalhar na cidade e ter a vida urbana, uma vez que consideram a vida nas cidades “mais fácil e mais rentável” enquanto consideram a agricultura como algo “pouco rentável” e que “ exige muito esforço e sacrifício”. A conclusão do presente trabalho passou pela fala de que existe interferência de agentes emissores (igrejas, tecnologia de comunicação, instituições do estado, etc.) nas falas dos moradores entrevistados, uma vez que estes últimos se apresentaram desencantados com a própria vida rural e que os discursos dos agentes emissores emitem exatamente mensagens que seduzem e ideologizam os trabalhadores segundo uma ideologia de massa alienante em prol da vida urbana e de consumo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	6
3. MATERIAL E MÉTODOS	9
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	10
5. CONCLUSÕES	16
6. REFERÊNCIAS	18
7. CRONOGRAMA EXECUTADO.....	20

1. INTRODUÇÃO

Os seres humanos estão ligados à diversas dimensões do processo de existência. Se encontram interpenetrados no âmbito ecológico, social e também lingüístico, uma vez que os conteúdos simbólicos confere à comunicação o aspecto importante da vida sócia humana em todas as sociedades.

As comunidades rurais amazônicas, assim como as demais sociedades atuais, caracterizam-se por portarem discursos que são ao mesmo tempo particulares e globalizados. Para Bordenave (1991) os elementos básicos da comunicação são:

Realidade ou situação onde ela se realiza e sobre a qual tem um efeito transformador; Os interlocutores que dela participam; Os conteúdos ou mensagens que elas compartilham; Os signos que elas utilizam para representá-los; E os meios que empregam para transmiti-los.

Deste modo, segundo os elementos básicos da comunicação de Bordenave, as comunidades rurais possuem discursos que se baseiam em: uma realidade do meio - que inclui tradição e globalização, particular e universal, um convívio com a floresta tropical úmida e com o avanço do estilo de vida urbano -, os interlocutores - que são seres constituídos por uma história peculiar amazônica e uma história dos contextos mundiais - , os conteúdos, ou discursos que compartilham em sua realidade social - que são particulares quanto à mensagens tradicionais e universais quanto aos discursos globalizados - os signos - que utilizam para expressar sua inteiração com seu meio - e os canais de transmissão - que são próprios da realidade das comunidades rurais mas também , cada vez mais, da globalização- .

Neste contexto, o objetivo geral desta pesquisa é compreender quais são os comunicadores de discursos (igrejas, tecnologia de comunicação, instituições do estado, etc.) presentes nas comunidades rurais visitadas - Patauá, Monte Alegre, Membeca e São Jorge, localizados na zona rural do município de Caapiranga-AM - e perceber a relação destas mensagens comunicadas com os discursos dos próprios agricultores sobre o processo do trabalho agrícola.

Os objetivos específicos são: realizar crítica sociológica dos discursos dos comunicadores tais como igrejas e mídia; colocar em evidencia trocas simbólicas-oriundas da mídia e outras instâncias comunicadoras de discursos presentes nas falas - aderidas pelos moradores das comunidades rurais.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Foi possível, ao longo do primeiro semestre de 2012, repensar de diversas formas o assunto “dos processos de trabalho e da comunicação” que já estavam sendo pensadas desde o segundo semestre de 2011. Através das leituras e exposições assistidas, foram feitas reflexões a cerca dos conceitos norteadores deste trabalho que são: “cultura”, “ser humano”, “processos de trabalho” e “comunicação”.

As Ciências Sociais têm, atualmente, uma grande dificuldade em estabelecer um conceito do que seja a cultura. Mas para a abordagem sociológica aqui feita - que busca amparo no pensamento da ecologia sobre redes e no pensamento da lingüística sobre trocas simbólicas e comunicação – considerar a cultura como sistema simbólico, abordagem desenvolvida principalmente por Geertz (1978), é suficientemente boa. Nesta concepção o homem é o receptáculo de qualquer “programa de ação”, que seria para ele a cultura. Assim sendo, o homem em si teria o potencial para vivenciar inúmeras socializações e vida, no entanto, acaba por fim tendo vivido de uma única maneira por toda vida.

O conceito de “ser humano” aqui abordado está relacionado com o conceito de cultura visto como “ programa de ação”, Geertz (1978). Assim, o homem é, também, o resultado do meio em que foi socializado uma vez que este meio irá “programar a ação” do homem por meio da cultura.

No pensamento de Pierre Leví (1999) em “A inteligência coletiva”, o ser humano que se insere no “espaço do saber”, é ele conhecedor de certos signos e informações do saber que o permitem vivenciar a realidade de maneiras distintas (daqueles que não as possuem) na medida em que compartilha estes “saberes” com outras pessoas; assim, o ser humano ativo e não alienado de sua existencia é aquele inserido no “espaço do saber”.

Neste sentido, a cultura pode ser ao mesmo tempo “programa de ação” que insere os seres humanos no “espaço do saber” ou ser “programa de ação” que instala uma “programação” nos seres humanos para serem “ corpos dóceis”, dos quais fala Michel Foucault (1987). Esta simultaneidade se dá uma vez que a cultura possui em si várias possibilidades de “programação”. O que vai decidir a que cada “programação” da cultura vai servir (à fazer corpos dóceis ou corpos ativos) vai depender de quais categorias e lógica esta vai programar. Assim, é a cultura com determinada “programação” (e suas respectivas categorias e lógica) que vai moldar e construir, a partir disso, seres humanos que se realizam no âmbito material da vida de

determinada maneira. Como seres humanos inseridos em “espaços do saber”, estes se realizam no mundo recriando e repensando sua própria vida; como “corpos dóceis”, estes reproduzem o “programa de ação” apreendido. Ainda é relevante notar que as programações que servem para programar “corpos dóceis” é, necessariamente, uma programação anti-vida, uma vez que aliena os seres humanos de sua própria responsabilidade de existir. A programação em prol de “corpos ativos”, por sua vez, como não é alienante, serve em prol da vida, já que possibilita os seres humanos entrarem em um contato verdadeiro com a reflexão e a vitalidade de existir.

Além deste aspecto, o ser humano aqui foi pensado como um célula biosocial - que movimenta as forças sociais e que necessariamente interage com seu meio ambiente, além de interagirem na esfera psicológica e corporal com seus semelhante e consigo mesmo (ELIAS, 1970; BORDENAVE, 2001). O ser humano pensado como célula biosocial não necessariamente pensa a movimentação de sua força social, psicológicas e corporais. Os “corpos dóceis” movimentam suas forças de maneiras pensadas por um poder que lhes é alheio já “os corpos inseridos no espaço do saber” movimentam suas forças de acordo com seu saber e interesse.

Em um olhar sistêmico ecológico, todas as pessoas, células biosocial, sejam elas seres humanos com corpos dóceis ou ativos, fazem parte de um ecossistema. Deste modo, são parte de uma rede ecológica que é constituída também de processos de trabalho e de comunicações (trabalhos e comunicações que eles mesmo movimentam, mas que muitas vezes não são pensadas e construídas por eles). Pensando nisso, os conceitos de processos de trabalho e comunicação, foram reformulados através de uma perspectiva ecológica para poderem abranger o aspecto social.

Os “processos de trabalho” aqui foram entendidos como processos de trabalho na agricultura, que são expressos desde a aquisição da semente até a comercialização (FRAXE, 2010; WITKOSKI, 2010 e HOMMA, 2011); mas também foram entendidos como “ programação” desenhado pela cultura e que desempenha um papel na rede(Figura 1).



Fig.1: Processo de trabalho, preparação da farinha de mandioca.
Fonte: NUSEC-UFAM,2011

O conceito de “comunicação”, por sua vez, foi pensado sob a base do pensamento sistêmico; assim foi reformulado como “interações ancoradas em redes ecológicas e sociais” baseado no pensamento de Fritjof Capra (1992) e de Bordenave (2001), ou seja, a comunicação é entendida como processos de feedback nos quais são comunicados discursos – dos emissores e receptores. Junto a esse conceito de comunicação, foram inseridas teorias da lingüística que possibilitam a análise dos discursos e o pensamento a respeito das trocas simbólicas(Figura 2).



Fig.2: Processo de comunicação e troca simbólica.
Fonte: NUSEC-UFAM, 2011.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Área de pesquisa:

A pesquisa foi realizada no município de Caapiranga-AM. O município situa-se à margem esquerda do Rio Solimões com distância a 147 km da capital amazonense, Manaus, em linha reta e por via fluvial, fica a uma distância de 272,2 milhas, segundo informações do portal oficial do município. Faz limite com os municípios de Manacapuru, ao leste, ao sul com Anamá, a oeste com Codajás e ao norte com Novo Airão (Fig.3).

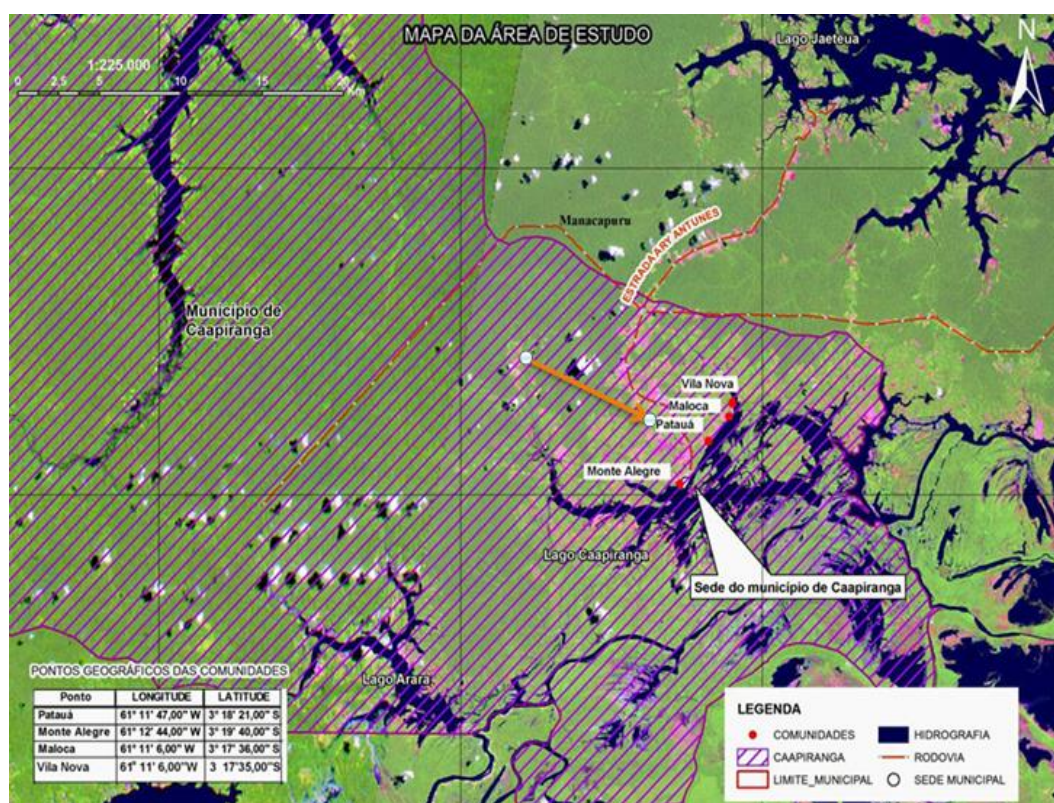


Fig.3: Mapa da área de estudo: Caapiranga-AM e comunidades rurais
Fonte: Base Cartográfica disponibilizada pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas IPAAM imagem Landsat 5TM na composição 5R4G3B 2009.

O município de Caapiranga está ligado ao desenvolvimento de outro município, Manacapuru. Após perder parte de seu território para Manaus, ficou estabelecido em 1939 que Manacapuru teria apenas três distritos sob sua administração, que são Manacapuru (sede), Beruri e Caapiranga. Mas em 10 de dezembro de 1981, pela emenda constitucional nº. 12, o município de Caapiranga é desmembrado de Manacapuru, tornando-se, assim um novo município no estado do Amazonas.

Esta pesquisa foi desenvolvida em comunidades rurais do referido município. Na comunidade Patauá, moram cerca de 20 famílias, que vivem da agricultura, extrativismo e pesca. Porém, no momento da pesquisa de campo haviam poucas

famílias no local. Sendo necessário, portanto, abranger a pesquisa para outras comunidades próximas, tais como: Monte Alegre, Membeca e São Jorge, assim foi possível aplicar 12 formulários nestas comunidades.

O método a ser utilizado seria o etnográfico, contudo, depois da primeira viagem às comunidades rurais, percebeu-se que com a logística possível de permanência no campo, seria impossível vivenciar as comunidades de forma a poder realizar uma etnografia. Com o tempo de estadia no local da pesquisa, nesta primeira viagem, só foi possível aplicar formulários e conversar algumas questões com os sujeitos da pesquisa.

Na segunda etapa desta pesquisa, como não foi possível a realização de uma nova pesquisa de campo, o projeto se deteve na revisão bibliográfica e - através dos dados recolhidos nas entrevistas e formulários aplicados- tecer uma análise sociológica – que se apresenta como método- sobre os discursos presentes nas comunidades rurais, afim de perceber em que medida os discurso dos comunitários a respeito do processo de trabalho da agricultura estão sendo “ programados” pelos discursos dos comunicadores da rede social .

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Devido às dificuldades pertinentes à logística, as entrevistas e visitas domiciliares foram realizadas no período matutino (entre 09:00 e 14:00 hs), horário em que a maior parte dos adultos estão executando seus trabalhos nas roças e outras unidades produtivas. Tal fato refletiu no número dos entrevistados e na idade média dos informantes, que foi de 12, conforme Figura 4.

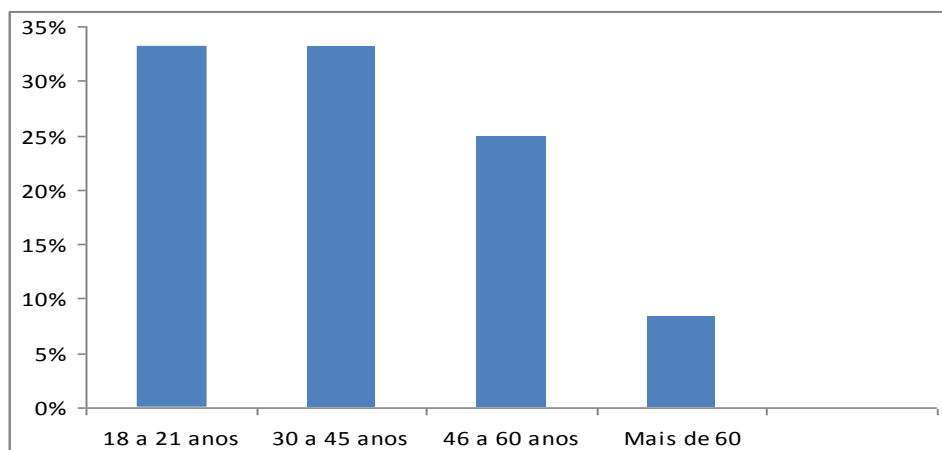


Fig.4: Faixa etária dos entrevistados.
Fonte: Trabalho de campo, 2012.

De acordo com os resultados verificados (Figura 5) a maior parte dos entrevistados residem nas comunidades rurais mais de 30 anos, enquanto a menor porcentagem entrevistada (cerca de 25%) mora há pelo menos 8 anos na comunidade. É notório, que seus antepassados já viviam há muito mais tempo nestes locais, construindo um modo de vida peculiar, através do conhecimento tradicional, o qual é definido por Fraxe (2004), como sendo as informações que as pessoas, numa determinada comunidade, desenvolveram ao longo do tempo, baseado na experiência, adaptado a cultura e ambiente local, estando em constante desenvolvimento. Este conhecimento é usado para sustentar a comunidade, sua cultura e os recursos naturais necessários para a sobrevivência contínua da comunidade. Ribeiro et al. (2002), associam a organização de produção dessas comunidades como uma forma de preservar o ambiente, pois como dependem quase que exclusivamente do meio, procuram se harmonizar com ele. No entanto, o que presenciamos em campo foi a falta de consciência das comunidades ribeirinhas da questão ecológica, e que o manejo por elas utilizadas das áreas amazônicas tem como hábito a retirada da lenha para a venda, a queima do terreno para se iniciar a roça. A prática ecológica

contemporânea já possui métodos de plantio muito avançadas na idéia da ecologia, como é o caso do pensamento da permacultura, o manejo ecológico, etc. O fato é que além da cultura tradicional não levar em conta, muitas vezes, o manejo ecológico, mas sim um manejo utilitário da terra. Além disso, hoje vemos o avanço das técnicas químicas sobre as comunidades ribeirinhas apesar existirem agricultores que partilham de práticas naturais de controle de pragas e correção do solo. Podemos compreender que as comunidades ribeirinhas não se inseriram no “espaço do saber” das práticas agrícolas ecológicas, o que justifica lidarem com a terra de tal maneira e aderirem aos insumos químicos que são amplamente difundido pelas mídias.

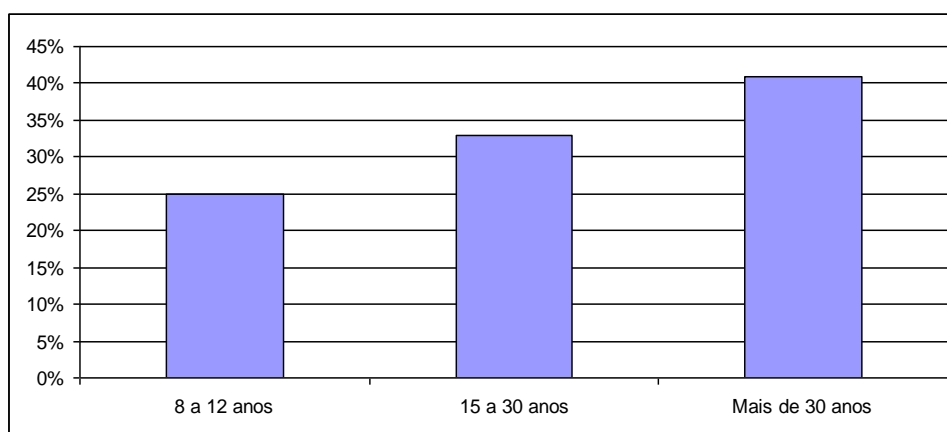


Figura 5: Tempo médio de moradia dos entrevistados nas comunidades.
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

Na figura 6 podemos demonstrar que os comunitários possuem em sua grande maioria de 6 a 9 filhos (41%). Contudo, se verifica uma boa porcentagem de entrevistados que tem famílias com 0 a 2 filhos (33%) , para este contexto, Chayanov (1974) diz que: O caráter da família é um dos fatores principais na organização da unidade econômica camponesa, posto que a unidade econômica familiar não recorre na maioria da vezes a força de trabalho contratada, assim a composição e o tamanho da família está ligado integralmente a quantidade de força de trabalho necessária como mão de obra (familiar) nos sistemas de produção dos comunitários.

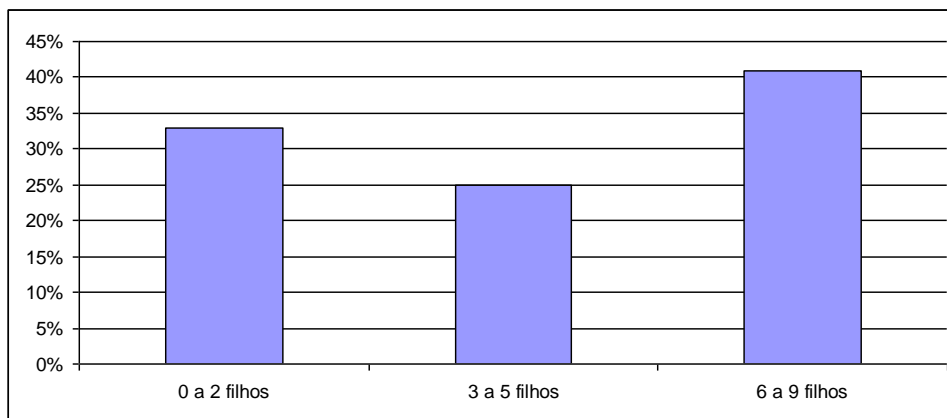


Figura 6: Número médio de filhos dos entrevistados.
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

4.2 DADOS REFERENTES AO TRABALHO

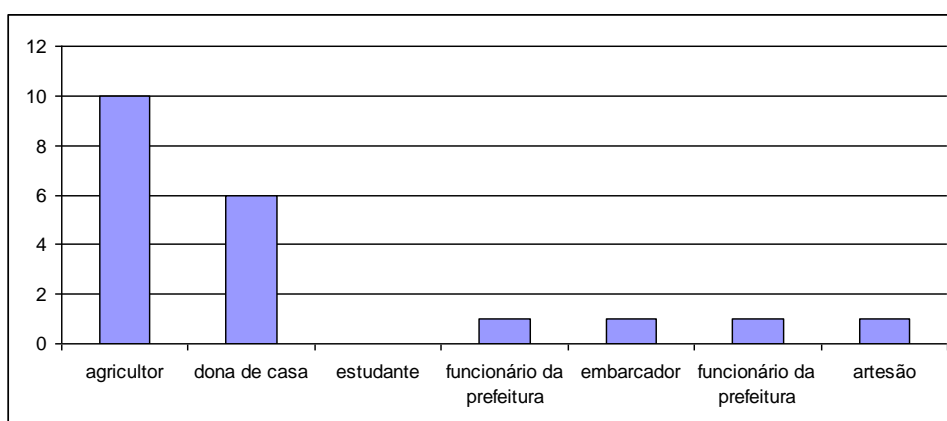


Figura 7: Ocupação diária dos entrevistados
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

As informações recolhidas (figura 7) mostram que a maior parte dos entrevistados (10 de 12) são agricultores. Apenas duas pessoas não são agricultores (funcionário da prefeitura e funcionário do posto de saúde). Alguns possuem ocupação dupla: são agricultores e dona de casa, agricultor e embarcador, agricultor e artesão; 2 pessoas são exclusivamente agricultores. É interessante notar os dados e tangenciá-los com as informações recolhidas por meio de conversa informal e entrevista. Muitos informantes declararam ter vontade de “ter um trabalho”, querendo se referir aos trabalhos de serviço tais como o servidor da prefeitura e do posto de saúde; muitos informantes, principalmente jovens, disseram que têm a ambição de conseguir um trabalho “na cidade” porque a agricultura é muito “ingrata”, “não dá futuro”, “não compensa”, “sacrifica e não tem retorno”, “é muito trabalhosa”. Neste sentido, podemos entender parte do fluxo rural rumo à cidade de Manaus. Muitos entrevistados que eram agricultores expuseram a dificuldade da vida rural que “trabalha duas semanas para fazer uma saca de farinha de mandioca e a vende por 50 reais em média.”

4.3 DADOS REFERENTES ÀS MÍDIAS DE MASSA E IDEOLOGIA

Outra questão abordada no formulário foi a respeito da religião dos entrevistados (Figura 8). Os dados coletados mostram que 50% dos entrevistados se dizem pertencentes e frequentam a igreja Assembléia de Deus, no entanto observou-se que há ocorrência de outras religiões em menor destaque, dentre as quais: Testemunhas de Jeová e Católicos. Para esta questão Therezinha Fraxe, afirma que embora as comunidades rurais amazônicas tenham passado e venham passando por transformações socioculturais, como a mudança nas atividades produtivas, o elo que une os comunitários de um modo geral, tem sido mantido, como as relações de vizinhança, parentesco, e as tradições religiosas e culturais que continuam sendo sustentadas por seus moradores e garantido assim a reprodução das práticas e relações sociais existentes. No entanto, como podemos ver há um extremo avanço de religiões evangélicas sobre as comunidades ribeirinhas.

É importante pensar as igrejas, as instituições do estado, as mídias e as pessoas das comunidades como vetores/agentes que comunicam. Segundo Saussure (1999) “a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica”, explicitando através deste pensamento a idéia de que dois vetores de comunicação trocam entre si significantes e signos de forma sincrônica como em um jogo de xadrez. Esta idéia não é válida na comunicação advinda de instituições (sejam elas de estado, de iniciativas privadas, mídias, religiões, escolas de pensamento), uma vez que os parâmetros de feedback não podem ser supridos. Tal fato se explicita no fato de o vetor de comunicação que é a mídia televisiva, por exemplo, não abrir espaço para que também ela (a televisão e seu discurso) reflita significantes expressos do interlocutor. Neste sentido, a televisão só altera o seu discurso por meios internos às instituições de comunicação, não alteram seus discursos segundo um processo lingüístico pessoal. Ou seja, seus discursos atendem à demandas do poder.

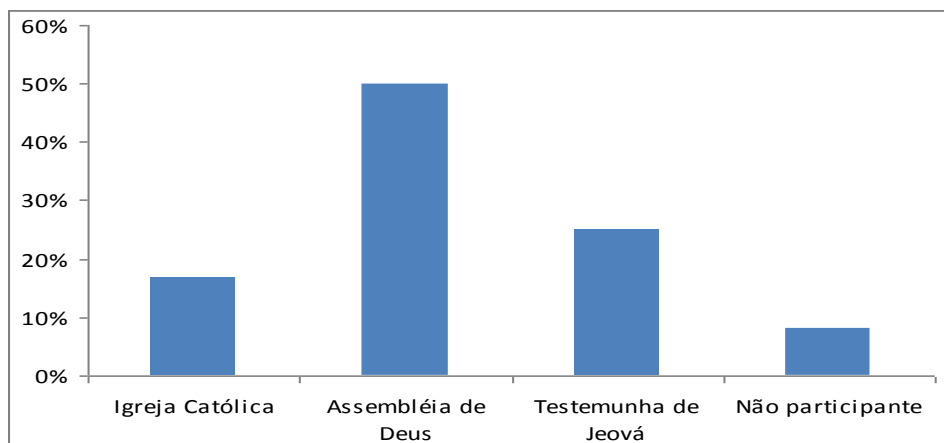


Figura 8: Média dos entrevistados que freqüentavam alguma religião.
Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

Dentre as formas de comunicação nas comunidades em questão, está a utilização do aparelho de TV, segundo os informantes (dados na figura 9), o tempo de utilização é de 2 a 5 horas de televisão por dia (67%), no entanto, outros moradores(17%) responderam que passam mais de 5 horas. De acordo com Leví-Strauss os seres humanos instituem-se como seres culturais, pois constroem relações mútuas ao comunicarem-se entre si por trocas que só podem ser apreendidas em um processo metafórico/simbólico, e não por relações diretas, de coisas em si mesmas. Neste sentido, aborda Patrícia Ceolin Nascimento (2006): as informações veiculadas nas mídias constituem-se como narrativas em um processo de troca simbólica, como postula Leví-Strauss. Desta forma, ainda segundo Patrícia Ceolin, há troca simbólica no que se diz, nas condutas sociais, nas informações veiculadas, nas representações sociais em geral, mesmo que não haja acordo prévio entre as “duas” partes. Nesta perspectiva, segundo a autora, a mídia instaura-se em um campo de mediação em que circulam significantes que não emanam de si, mas que são reordenados a todo instante por recortes (visibilidade X não-visibilidade). Para Patrícia Ceolin, a mídia emana significações, representativas de demandas já latentes no ambiente discursivo que é o mundo.

Sob este olhar, as figuras 9,10,11 explicitam que tipo de discurso os moradores das ribeirinhas de Caapiranga-AM estão sujeitos e quanto tempo dispõem de sua vida à estes discursos. Tendo em vista que tanto a televisão, quanto o rádio e os materiais de leitura divulgados pelas igrejas são vetores de significantes (o discurso na mídia em geral , das igrejas, o discurso na lógica de Estado, etc.) levam sempre um deslocamento da relação entre o significado e o significante, rearranjando os signos com alterações de ordem da semiótica e fenomenologia da percepção em cada indivíduo. Esses vetores trabalham com a difusão de significantes que se orientam por uma lógica particular de demanda, que se caracteriza principalmente como demanda de controle de massa.

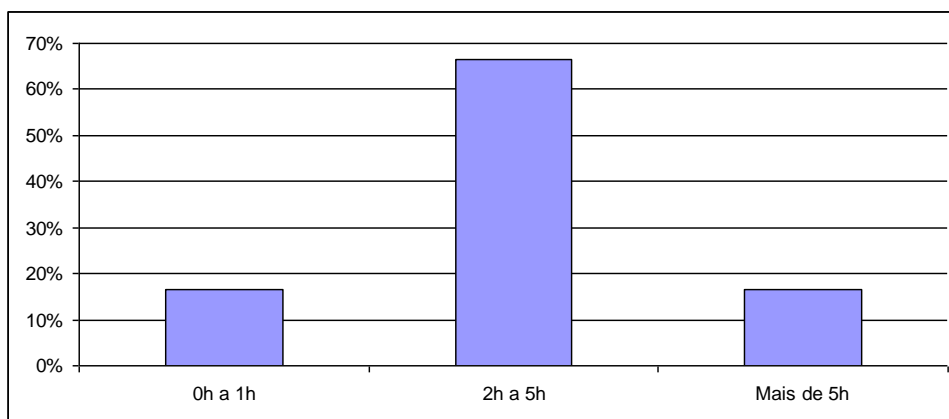


Figura 9: Média de horas que os entrevistados assistem à televisão
 Fonte: Trabalho de Campo, 2012.

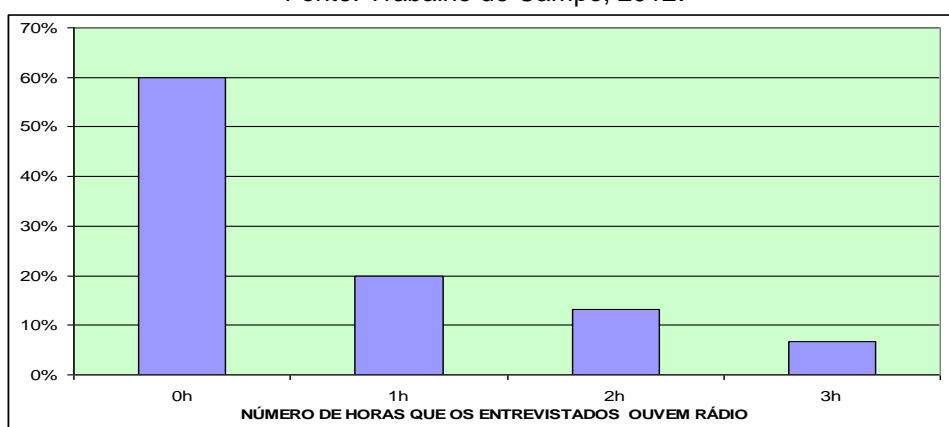


Figura 10: Número de horas que os entrevistados ouvem rádio
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

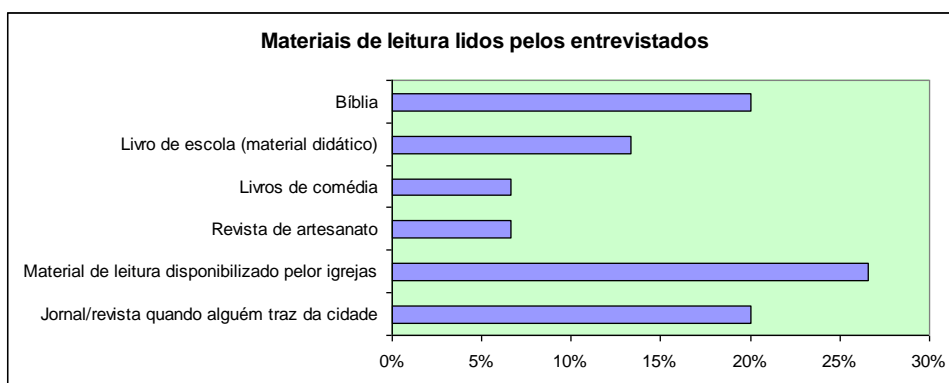


Figura 11: Materiais de leitura lidos pelos entrevistados
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

5. CONCLUSÕES

Através dos dados recolhidos pôde-se analisar a constituição dos discursos presentes nas falas dos moradores das comunidades rurais de Caapiranga-AM. Após a evidenciação – através da visita de campo- da presença de determinados vetores/agentes de e do recolhimento de dados a respeito de como estes vetores preenchem o tempo da vida dos comunitários e como estes últimos concebem seu trabalho de agricultor, pôde ficar evidente, através do embasamento teórico deste trabalho, que os discursos presentes na compreensão de vida dos comunitários são, em grande parte, oriundos destes vetores mencionados. Para Bourdieu, existe um poder material e/ou simbólico (invisível) acumulado por estes vetores (que ele chama de agentes) que é envolvido na função de legitimação da dominação e imposição:

“O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeito ou mesmo que o exercem. (...) não basta notar que as relações de comunicação são de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (...) É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação” (Bourdieu,2000)

Segundo a autora Patrícia Ceolin, Michel Foucault propõe que o saber está sempre aliado ao poder, e, deste modo, a prática midiática, ao mesmo tempo que é detentora de um “espaço do saber”, ocupa também um lugar de poder pelo qual reforça e institui valores sociais e *habitus* que caracterizam determinada ideologia. Assim, como poderiam os moradores das comunidades rurais de Caapiranga-AM, sem estarem inseridos em um “espaço de saber” que lhes atribua crítica aos sistemas midiáticos, poderiam oferecer resistência aos discursos por eles vividos/assistidos/ouvidos intensamente? Os vetores/agentes das comunidades rurais de Caapiranga-AM são detentores de um poder simbólico que é invisível e que, no entanto, reforça e institui valores sociais e constrói ideologias nos moradores.

Os moradores rurais, uma vez que, em sua grande maioria, são agricultores, possuem uma vida de trabalho muitas vezes de sacrifícios já que trabalham sob condições de muito sol e chuva e esforço físico e não possuem seu trabalho

devidamente remunerado. Assim, o estilo de vida capitalista/urbano difundido na mídia os seduz na medida em que o trabalhar nas cidades é ideologizado, colocado como vida digna, remunerável, e que exige menos esforço.

Para Patrícia Ceolin é no cruzamento entre o social e o individual que há a possibilidade de análise da narrativa midiática, a fim de compreender quais são os valores sociais implicados no universo da troca simbólica do discurso midiático. A hipótese com que a autora trabalha é com a de que as informações oferecidas no “palco midiático” são captadas como “micronarrativas” que revelam os valores enaltecidos por uma sociedade, assim como seus valores de referência (Patrícia Ceolin, 2006). Na medida em que estas “micronarrativas” revelam valores enaltecidos, são difusores destes através das trocas simbólicas oferecidas pelos signos apresentados nas “micronarrativas”.

Os significantes enaltecidos vislumbrados no trabalho de Patrícia Ceolin, foram a “morte”, “o mito” e o “poder”. Mas pode-se vislumbrar diversos signos que se repetem nas mídias de massa como “sexualidade pornográfica”, “necessidade de consumo”, “subordinação da natureza ao homem”, etc.

Assim, neste presente trabalho a conclusão final se refere exatamente ao fato dos processos de trabalho agrícolas das comunidades rurais de Caapiranga-AM estarem sob valores enaltecidos nas mídias e ao mesmo tempo sendo estes depreciativos do trabalho rural, uma vez que os valores que puderam ser vislumbrado nos discursos dos próprios agricultores das comunidades eram de extremo desencantamento com o processo de trabalho que vivenciam e de enaltecimento da vida urbana e de consumo. Deste modo, a comunicação e os seus vetores/ agente puderam ser lidos como sistemas simbólicos que conferem/emitem valores às coisas e que, necessariamente atuam como influência nas comunidades rurais aqui pesquisadas. E que neste sentido, comunicam ideologias que degradam a vida rural e favorecem a vontade de ter a vida urbana e suas “facilidades”.

No presente trabalho, o conceito de “cultura” como “programa de ação” pôde desvelar a circunstância a que os moradores de Caapiranga-AM estão submetidos uma vez que recebem as informações veiculadas nas grandes mídias e igrejas, e as reproduzem. Percebe-se, com as falas dos agricultores a respeito de seu próprio trabalho, que estão sujeitos à “programações” que os alienam de suas forças sociais e os submetem à noções que degradam a vida . Uma vez que aderem, muitas vezes, à praticas anti-ecológicas difundidas nas mídias, e que também, cada vez mais, querem para si o estilo de vida urbano, estão se tornando “corpos dóceis”, e como tais, estão degradando o tecido biosocial da rede ecológica que pertencem como seres humanos.

6. REFERÊNCIAS

BENEDICT, R. **Os Padrões de Cultura**. Editora Livros do Brasil. 1983.

BORDENAVE, J.E.D. **O que é a comunicação rural**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CEOLIN, Patrícia (2006). **A informação como narrativa: mídia e troca simbólica**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, Área de Concentração Estudo dos Meios e Produção Mediática, Linha de Pesquisa Comunicação Impressa e Audiovisual, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de doutor em Ciências da Comunicação.

DIEGUES, A. C., ARRUDA, R. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

ECO, Umberto. **Viagem à irrealidade cotidiana**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Edições 70, 2008.

FONTAINE, Philippe (2002). **L'échange**. Paris: Ellipses.

FOUCAULT, Michel (1987). **Vigiar e punir: nascimento da prisão** (trad. Raquel Ramalhete). Petrópolis: Vozes.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura Caboclo-Ribeirinha: mito, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FRITJOF, C. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Tradução Newton Roberval Eíchemberg. São Paulo: Editora Cultrix. 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GUIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade** – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**, 1932. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEVÍ, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 2. ed.

LEVI-STRAUSS, Claude, **O pensamento selvagem**. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1976.

MALINOWSKI, B.K. **Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélogos de Nova Guiné melanésia**, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RIBEIRO, A. E. M.; GALIZONI, F. M.; CALIXTO, J. S. Regulação, normas e técnicas de extração de recursos naturais em áreas coletivas do alto Jequitinhonha. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002. 591-610p.

SIMONETTI, S.R. **A dinâmica sócio-ambiental das comunidades ribeirinhas do Rio Parauari em Maués**: Um estudo de caso das comunidades vila Darcy e Acaoera. 2004.153p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas.

WOLF, E. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1970.

7. CRONOGRAMA EXECUTADO

Nº	Descrição	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
		2011					2012						
1	Revisão Bibliográfica	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	
2	Reunião com orientadora para esclarecimentos e condução das atividades	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R
3	Preparação da apresentação parcial do projeto			R	R								
4	Entrevistas e aplicação de formulários						R						
5	Análise dos dados								R	R	R		
6	Elaboração do Relatório Parcial						R						
7	Elaboração do Resumo e Relatório Final										R	R	R
8	Preparação da Apresentação Final para o Congresso											P	P